

O Casarão da Minha Infância

Marlene Lavinsky*



Este casarão do qual vou relembrar fica, ou ficava, situado na Fazenda Cordilheira, no sul da Bahia, mais precisamente na rodovia Ilhéus-Itabuna.

Falar daquela casa é viajar no tempo, é morrer de saudades, é voltar a ser criança, adolescente, adulto, uma mistura de lembranças, uma mistura de épocas da minha vida. Nasci lá, num dos seus enormes quartos. De uma série de sete filhos, sou exatamente a do meio; só um morreu com pouco tempo de vida. Conta minha mãe (que morou lá uns 60 anos com meu pai e meu avô) que lá era um paraíso, o que pude comprovar e viver desde que tomei consciência da vida.

No fundo da casa tinha uma lagoa (existe até hoje, apesar da casa ter sido demolida) onde meus irmãos menores e eu tomávamos banho, arriscando às

vezes uma pescaria e onde eu, muitas vezes, precisei pular dentro da água, em casos de emergência, para salvar o menor deles, pois era o mais peralta. Tivemos oportunidade de subir em árvores, como pé de jaca, groselha, castanha, côco, manga, enfim, um leque de opções que tínhamos para estragar nossa energia. Brincávamos de gangorra, de pular corda, chicotinho queimado, montar em burro, boi e até em jegue, este coitado sofreu muito, pois certa vez, nosso irmão mais velho o convenceu a comer um pão embebido com uísque – eu me lembro muito bem do resultado desse episódio – uma bela surra de chicote em todos nós e depois fomos tomar banho no rio para “aliviar” o carinho das chicotadas.

Mas não era só de brincadeira a nossa vida. Lá na fazenda tinha escola e nós

* Funcionária Pública aposentada, aluna do Programa de Extensão do Núcleo de Estudos do Envelhecimento. UESC, 2002.

íamos à aula fardados, quase em fila indiana, ouvir os ensinamentos da professora Celoídes, já falecida, e Wanda, com a qual perdemos o contato.

Perto da escola existia uma igreja, a de Nossa Senhora da Conceição, que também foi demolida e todas as imagens roubadas, até hoje não se sabe por quem ou para quê. Nos meses de maio e junho as pessoas mais velhas se reuniam para rezar novena para Nossa Senhora e Santo Antônio. Era nessas novenas que os rapazes e moças mais novos aproveitavam para trocar olhares furtivos e até, às vezes, uns bilhetinhos para namorar, tudo isso escondido. Mas nem assim deixávamos de aproveitar a festa, participar da quermesse e observar os fogos de artifícios, onde todos contribuía com bolos, licor, galinha assada, toalhas bordadas, com o objetivo de juntar dinheiro para a manutenção da igreja.

Da varanda do casarão (não tínhamos ainda energia elétrica) era impossí-

vel não se deliciar com a lua refletindo o seu brilho prateado dentro do rio. Era aí que, já crescidinhos, o namoro era frustrado pelo pai, que com uma lanterna procurava uma desculpa para se aproximar e “bater um papo” com o suposto genro.

Ficaria escrevendo mil páginas sobre aquela época, pois assunto não falta, eram as festas juninas, as feijoadas aos domingos, os aniversários, tudo era motivo de alegria, mas também tinha a parte triste... a morte de meu avô e do meu pai, ou até mesmo a morte de algum parente, vizinho, ou a mudança de alguém para outro lugar distante.

Mas como o tempo não pára, nós crescemos procurando sempre mais coisas na vida. Uns começam a trabalhar, outros a estudar em cidades distantes e outros se casam, e aquela convivência em família tanto se reelabora quanto se dissolve aos poucos.

Mas ficam as lembranças!